



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



Agrobiodiversidade em quintais agroflorestais: autonomia, resistência e vida para além da produção diversificada

Marilene Vieira Barbosaⁱ , Tiago da Silva Pintoⁱⁱ  Mônica Cox de Britto Pereiraⁱⁱⁱ 

ⁱUniversidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, PE, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2370-1999>

Comissão Pastoral da terra- CPT, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0792-0788>

ⁱⁱⁱDepartamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, PE, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8570-1997>

RESUMO

Quintais agroflorestais são espaços que ganham significados diversificados, espaços onde a agrobiodiversidade se destaca em diferentes níveis, seja pela biodiversidade de espécies ou pelas complexas relações constituídas. Esta pesquisa objetivou compreender as relações das famílias da Comunidade de Antônio Pinto no município de Caaporã-Paraíba, com quintais agroflorestais e as diferentes contribuições da agrobiodiversidade na vida das famílias. A principal fonte de renda dos entrevistados é oriunda da agricultura familiar camponesa, possuem idades entre 29 a 65 anos, a maioria não terminou o ensino fundamental e 80% são do gênero feminino. Para os agricultores (as) os quintais representam liberdade e novas oportunidades de vida. Os quintais não possuem tamanhos nem formatos definidos e se destacam por apresentarem expressiva diversidade de espécies cultivadas, principalmente espécies alimentícias e medicinais. Foram encontradas 119 espécies vegetais e quatro de aves. As mulheres são as principais protagonistas e apresentam estreitas relações com estes ambientes. O quintal é espaço de construção política, onde a família se organiza e constrói sua autonomia, um refúgio individual e coletivo, espaço de produção diversificada que contribui com a segurança alimentar.

Palavras-chaves: segurança alimentar; agroecologia; saberes; reforma agrária.

Agrobiodiversity in agro-forest quintals: Autonomy and resistance, life beyond diversified production

ABSTRACT

Agroforestry backyards are spaces that have different meanings for different audiences, spaces where agrobiodiversity stands out at different levels, whether due to the biodiversity of species or the complex



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



relationships in these areas. This research aimed to understand the relationships of families with productive backyards and the different contributions of agrobiodiversity to the life of families in the community of Antônio Pinto in the municipality of Caaporã in Mata Sul da Paraíba. The interviewees' main source of income comes from family farming, they are aged between 29 and 65 years, most have not finished elementary school and 80% are female. For farmers, backyards represent freedom and a new opportunity for life. The yards do not have defined sizes or formats and stand out for presenting an expressive diversity of cultivated species, mainly food and medicinal species. 119 plant species and four birds were found. Women are the main protagonists and have close relationships with these environments. It is a space for political construction, where the family is organized and builds its autonomy, an individual and at the same time collective refuge, a space of diversified production that contributes to food security.

Keywords: food security; agroecology; knowledge; land reform.

Agrobiodiversidad en patios agro-forestales: Autonomía y resistencia, vida más allá de la producción diversificada

RESUMEN

Los patios agroforestales son espacios que tienen diferentes significados para diferentes audiencias, espacios donde la agrobiodiversidad se destaca en diferentes niveles, ya sea debido a la biodiversidad de las especies o las complejas relaciones en estas áreas. Esta investigación tuvo como objetivo comprender las relaciones de las familias con patios productivos y las diferentes contribuciones de la agrobiodiversidad a la vida en la comunidad de Antônio Pinto en el municipio de Caaporã-Paraíba. La principal fuente de ingresos de los entrevistados proviene de la agricultura familiar, tienen entre 29 y 65 años, la mayoría no han terminado la escuela primaria y el 80% son mujeres. Para los agricultores, los patios traseros representan la libertad y una nueva oportunidad para la vida. Los patios no tienen tamaños o formatos definidos y destacan por presentar una diversidad expresiva de especies cultivadas, principalmente especies alimenticias y medicinales. Se encontraron 119 especies de plantas y cuatro aves. Las mujeres son las principales protagonistas y tienen relaciones cercanas con estos entornos. Es un espacio de construcción política, donde la familia se organiza y construye su autonomía, un refugio individual y al mismo tiempo colectivo, un espacio de producción diversificada que contribuye a la seguridad alimentaria.

Palabras clave: Seguridad alimentaria; Agroecología; Conocimiento; Reforma agraria.

INTRODUÇÃO

A concepção de agrobiodiversidade tem sido desenvolvida nas últimas décadas ressaltando a dimensão da relação sociedade-natureza. Para Santilli (2012), agrobiodiversidade possui caráter interdisciplinar e reflete as dinâmicas e complexas relações entre sociedades, plantas cultivadas, ambientes em que convivem e suas dimensões políticas.

Machado (2008) relata que a discussão sobre a agrobiodiversidade surge em um contexto de erosão genética da biodiversidade e dos saberes culturais ancestrais, ocasionados



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



principalmente pela “revolução industrial e pela revolução verde”. Essas foram descritas por Souza e Bustamante (2019) como o “império agroalimentar” que prometia acabar com a fome no mundo por meio de práticas que resultaram em grandes impactos socioambientais negativos, como o desmatamento para implantação de grandes monocultivos acompanhados do uso indiscriminado de agrotóxicos, desvalorização dos saberes tradicionais, entre outros.

A Convenção da Diversidade Biológica trata agrobiodiversidade como “um termo amplo que inclui todos os componentes da biodiversidade que têm relevância para a agricultura e alimentação, bem como todos os componentes que constituem os agroecossistemas: as variedades e a variabilidade de animais, plantas e de microrganismos, nos níveis genético, de espécies e de ecossistemas, os quais são necessários para sustentar as funções chaves dos agroecossistemas, suas estruturas e processos” (CDB, 2006). Agrobiodiversidade pode ser compreendida também como a parte da biodiversidade utilizada pela humanidade em práticas de coleta e sistemas de manejos desenvolvidos ao longo do tempo (NAIME, 2016).

Para Machado et al., (2008), a agrobiodiversidade compreende diferentes níveis de complexidade com diferentes categorias: a) da biodiversidade: diversidade de espécies; diversidade dentro das espécies; e diversidade de ecossistemas; b) da diversidade de interações: sistemas de cultivo; espécies, variedades e raças; c) diversidade humana; d) e diversidade cultural.

O entendimento de agriculturas tradicionais e boas práticas relacionadas à agrobiodiversidade deve levar em consideração o conjunto de práticas culturais dos saberes ancestrais que as envolvem, as práticas cósmicas místicas, aprimorados durante milhares de anos e repassadas de geração em geração, sabendo que os povos também são parte importante do que se constitui a agrobiodiversidade (SANTILLI, 2012; PINTO, 2014).

Siliprandi (2015) ressalta que a construção teórica do que se entende atualmente sobre agroecologia e agrobiodiversidade foi pautada na transdisciplinaridade do diálogo de saberes entre ciência e protagonismo dos agricultores(as), camponeses(as), indígenas e quilombolas,



sobre as experiências de resistência à insustentabilidade ambiental e social do sistema de modernização de produção agrícola.

Segundo Santilli (2005) e Pereira (2012), o pacote desenvolvimentista da revolução verde tem sido a principal ameaça a agrobiodiversidade, resultando na erosão dos saberes e das sementes. As pesquisadoras apontam os “povos da terra e das águas” como os grupos que resistem a essa pressão da desestruturação das diferentes formas de existências tradicionais, modos de organização comunitária e produção agroecológica.

Apontado como estratégia de resistência ao sistema de produção agrícola convencional, os quintais agroflorestais têm sido apresentados como espaços importantes para a conservação da agrobiodiversidade, sendo estes ambientes onde se constituem e se transmitem os saberes (SANTILLI, 2012; ESMERALDO et al., 2017; GONÇALVES e LUCAS, 2017; PATRÍCIA et al., 2018).

Silva (2017) descreve os quintais agroflorestais como pequenos espaços próximos as residências utilizadas pelas famílias para plantar e criar animais, pensados nas maiorias das vezes para suprir as necessidades da família, constituindo ao longo do tempo um ambiente de complexas relações. O autor ressalta ainda a importância destes ambientes para a conservação da sociobiodiversidade. Para Silva et al., (2016), os quintais são espaços do bem estar onde se constitui o ser.

Estudos realizados em diferentes biomas, tem ressaltado a estreita relação das mulheres com os quintais e a importância de seu protagonismo na estruturação destes, destacando as complexidades sociais e históricas que estão relacionadas ao tema (MAIA et al., 2018; DANTAS e TORRES, 2019). Funari e Pereira (2017) ressaltam a riqueza e importância dos quintais:

As mulheres têm sido protagonistas na construção da agroecologia no semiárido, atuando como guardiãs da biodiversidade da Caatinga e possibilitando uma gestão ecológica da água na agricultura, além disso, são elas em geral que iniciam o processo de transição agroecológica, influenciando a família nessa transformação. (FUNARI e PEREIRA, 2017, p. 16)



Para Esmeraldo et al., (2017), os quintais são ambientes que promovem a transição agroecológica, por meio dos saberes acumulados das mulheres, constituídos da experiência cotidiana e conectados diretamente com a sobrevivência, bem como com a reprodução familiar e comunitária.

Sendo assim, esta pesquisa objetivou compreender a relação das famílias com quintais agroflorestais e os impactos da agrobiodiversidade para a vida das famílias da comunidade camponesa de Antônio Pinto no município de Caaporã na Mata Sul da Paraíba, Brasil.

A coleta dos dados foi realizada entre os meses de setembro e novembro de 2019. Foram visitados 13 (treze) quintais agroflorestais, escolhidos aleatoriamente de acordo com a disponibilidade dos agricultores e agricultoras em participar da pesquisa, dez mulheres e três homens foram entrevistados, seguindo roteiro com perguntas orientadoras de cunho social, referentes ao conhecimento da agrobiodiversidade e seus usos. Este modelo de entrevista possibilita maior liberdade de expressão ao entrevistado, viabilizando a análise das características individuais e coletivas (MORAIS, 1999).

Durante as entrevistas, os agricultores e agricultoras foram convidados a mostrar seus quintais e falar sobre as espécies de plantas e animais encontradas, estas foram classificadas quanto à forma de uso e características botânicas. Para tanto, realizaram-se registros fotográficos e anotações dos dados gerais de cada espécie, que foram utilizados como material de apoio para identificação, realizada por meio de consultas a literatura especializada e ao banco de dados do INCT-Herbário Virtual da Flora e dos Fungos¹.

1. Comunidade Antônio Pinto

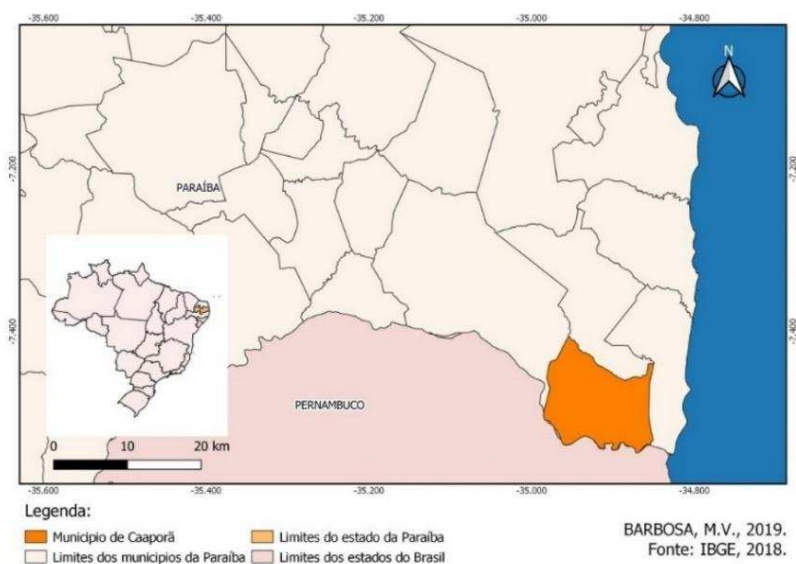
A Comunidade Acampamento Antônio Pinto (7° 30' 18.34'' S e 34° 58' 3.05'' W) está situada às margens da PB-044 no município de Caaporã na Mata Sul paraibana, há 45 km da capital João Pessoa, divisa dos estados da Paraíba e Pernambuco (Figura 1). A região está sob

¹ <https://biogeo.inct.florabrasil.net/>



domínio do Bioma Mata Atlântica, classificada como Floresta Ombrófila Aberta (IBGE, 2012). O clima da região é do tipo Tropical Chuvoso, conforme classificação de Köppen-Geiger (1936), com chuvas concentradas entre os meses de março e agosto (CLIMATE-DATA, 2015).

Figura 1: Mapa de localização do município de Caaporã, Paraíba, Nordeste, Brasil.



Fonte: Autores, 2019.

É um acampamento de posseiros que trabalhavam na produção da cana de açúcar da usina Maravilha, situada no Município de Goiana-PE, cujo nome ‘Acampamento Antonio Pinto’ foi dado em homenagem a uma liderança da causa da reforma agrária local. Com a redução da atividade canavieira e adesão aos negócios imobiliários pelos acionistas da usina ao final da década de 90 (JC, 2014) os trabalhadores foram demitidos, não receberam os direitos trabalhistas e foram orientados pelos usineiros a saírem da terra.

Os trabalhadores sem terem para onde ir resolveram se organizar e reivindicar o direito a posse da terra, buscando, assim, o apoio da Comissão Pastoral da Terra- CPT. Em mais de cinco anos de luta por seus direitos, os agricultores vêm enfrentando conflitos, sofrendo



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



ameaças, despejos com destruição das casas e lavouras. Apesar desta realidade, os acampados seguem em busca da posse definitiva da terra.

O acampamento é constituído por 60 famílias de agricultores que residem em “casas de taipas”² e tem como principal fonte de renda a agricultura familiar, bolsa família e trabalhos temporários (bicos). Os agricultores (as) cultivam em seus roçados, principalmente, a macaxeira, inhame, milho, feijão, batata, hortaliças e frutas diversas, abastecendo o mercado de Caaporã-PB e Goiana-PE, além de plantar e criar ao redor das residências, principalmente, para o autoconsumo.

Os colaboradores desta pesquisa possuem núcleos familiares composto em média por quatro pessoas, 80% possuem o ensino fundamental incompleto, 10% ensino fundamental completo e 8% não sabem assinar. Apesar dos diversos programas e projetos de combate ao analfabetismo, a baixa escolaridade tem sido observada em estudos realizados em comunidades rurais (SANTOS et al. 2015; RIBEIRO et al., 2016; BRITO et al., 2017), fato relacionado diretamente com o começar a trabalhar ainda cedo, bem como com a falta de investimentos, em especial na infraestrutura. Os entrevistados possuem idades entre 29 a 65 anos, destes 60% na faixa etária dos 29 a 40 anos.

Em relação ao gênero, 80% dos entrevistados são do sexo feminino. A participação das mulheres na dinâmica, no manejo e na própria constituição dos quintais, acontece de maneira mais efetiva, e tem sido destacada em outros estudos (MAIA, et al. 2018; DANTAS e TORRES, 2019). No momento da visita, algumas mulheres estavam cuidando dos filhos, da casa ou do terreiro/quintal, assim, verificou-se que os quintais agroflorestais são espaços familiares e da vida social, porém é, sobretudo, um espaço construído e transformado pelas mulheres, e intrínseco ao cuidar do “ambiente doméstico”, missão, historicamente, atribuída às mulheres.

² casas construídas a partir de uma técnica tradicional usando madeira como estrutura e barro úmido para tapar, preencher os espaços das paredes.



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



Esmeraldo et al. (2017) expõe que as mulheres são as principais protagonistas nas relações existentes dentro dos quintais agroflorestais envolvidas por processos históricos. Vieira e Milward-de-Azevedo (2018) relatam que as mulheres são as maiores detentoras e aperfeiçoadoras do conhecimento devido à missão do “cuidar”, historicamente designada a elas.

Em seu livro, Siliprandi (2015) relata histórias de mulheres de diferentes regiões brasileiras sobre suas experiências com a agroecologia e atuação na luta por políticas públicas para o campo, reconhecimento e valorização do protagonismo feminino. A autora descreve a maneira como o feminino abraça as práticas da agricultura tradicional, ressaltando que está se dá, não apenas pela ligação com o campo ou pelo incentivo recebido, mas também pela possibilidade de melhoria de vida e principalmente pela reafirmação da sua atuação no campo como sujeitos da agricultura, quebrando com vários padrões criados ao longo do tempo.

2. Nossos quintais: nossa agrobiodiversidade

Os quintais agroflorestais visitados, também chamados de “terreiro”, não possuem tamanhos nem formatos definidos, os agricultores (as) tem como referência o entorno da residência, se estendendo a todo espaço onde é possível estabelecer relações de bem estar familiar com melhor acesso e praticidade de manejo e colheita.

Embora os quintais não possuam tamanhos definidos é possível perceber seus limites por meio da diferença entre as espécies cultivadas, visto que a área dos quintais estudados é ocupada por maior diversidade de plantas em relação aos roçados, sobretudo de frutíferas e plantas medicinais (tabela 1), fato também observado por outros autores (Maia, et al. 2018).

Gazel-Filho (2008) realizou estudo de caracterização estrutural em quintais agroflorestais, delimitando-os por meio da metodologia da cartografia social, na qual o autor verificou que estes possuem diversidade em espécies e estratos florestais, enquanto Santos et



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



al. (2019) realizaram estudos de caracterização da agrobiodiversidade, destacando a diversidade de espécies vegetais.

Os quintais agroflorestais visitados encontram-se em diferentes estágios, a maioria tem de 3 a 5 anos. Vale ressaltar que pelo fato de terem sofrido despejos e suas lavouras e casas destruídas, nem sempre cultivaram ou moraram no mesmo local, o que acaba dando aos quintais um caráter “itinerante”, remetendo a agricultura itinerante descrita por Pereira (2005).

Verificou-se que o que é produzido nos quintais é majoritariamente destinado ao autoconsumo, estendendo-se a ações solidárias de doação à vizinhos, familiares e amigos, e com menor frequência, a venda do excedente, contribuindo para a renda familiar, conforme depoimento:

“... o povo chega aqui e diz: dona Maria me dê uma macaxeirinha, eu digo pode levar meu filho, aqui acolá, chega outro dizendo que está com dor de barriga e pede uma aguinha de coco, pegue lá, leve meu filho... aqui é assim, é, está com tosse mando levar alguma coisa pra fazer lambedor...” Mulher de 58 anos, 2019.

Percebeu-se nos relatos, a alegria e orgulho em falar dos seus quintais, que para as (os) agricultoras (res) é mais que um lugar de produção diversificada, eles ganham significados maiores de liberdade, mudança de vida com mais oportunidade, sendo parte importante da resistência, da história individual e coletiva, conforme os depoimentos a seguir:

“...é ter mais um meio de vida melhor, com mais saúde, mais oportunidades com alimentos mais saudáveis, com mais tipos de plantas.” Mulher de 29 anos, 2019.

“...é chegar em casa e ter uma água de coco no quintal pra tomar e oferecer as visitas, é ter as coisas sem ir comprar na rua, isso é tudo, é saúde e tranquilidade...” Homem de 58 anos, 2019.

“... quando tem frutas a gente já não compra, porque tem sempre alguma coisa pra colher, pra fazer um suco, tem um limão para limpar a galinha que a gente mata...” Mulher de 38 anos, 2019.

“...Isso aqui é minha vida... eu já morei em cidade, tinha vontade de vir pro sítio e ter minhas coisas, por isso zelo por meu terreiro, agora eu sou rica, queria ter mais, plantar mais, pra mim comer e dá pra quem precisa... Muitas plantas que tenho aqui



foi que trouxe de outras comunidades quando fui pras atividades da CPT, sempre que vou pra algum canto trago uma planta de lembrança...” Mulher de 61 anos, 2019.

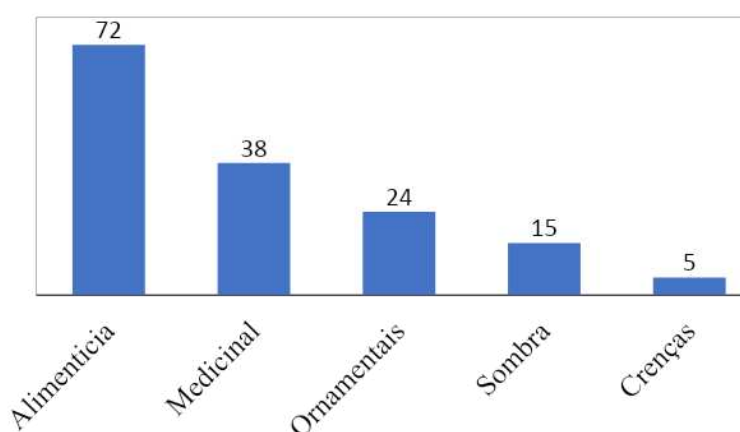
“... aqui é meu cantinho de paz, de liberdade, donde eu descanso com minha família, aqui era só cana, e eu junto com os companheiros arranquei com minhas próprias mãos, era só cana e hoje é essa beleza que vemos aqui...tem de tudo, e vai ter mais, que eu vou continuar plantando de tudo...” Homem de 63 anos, 2019.

O sentido de quintais agroflorestais se multiplica na voz dos camponeses e camponesas, como “território único”, onde se estabelece múltiplas relações entre o que é físico, vivo e sentido. Cada quintal carrega a singularidade do sentimento de pertencimento, de cuidado, das relações que promovem a autonomia e bem estar. Uma riqueza constituída não apenas pela diversidade de espécies ou espaço físico, mas também pela singularidade do que é vivido e compartilhado.

A contribuição dos quintais agroflorestais com a segurança alimentar, autonomia e qualidade de vida familiar e comunitária tem sido pontuada por vários autores em estudos realizados em diferentes regiões brasileiras (GONSALVES e LUCAS, 2017; MAIA et al., 2018). Tais atributos evidenciam a importância destes espaços.

Foram encontradas 116 espécies vegetais e quatro espécies de aves. As espécies vegetais foram categorizadas segundo formas de usos citadas pelos entrevistados (as), sendo distribuídas em cinco categorias (Figura 2 e 3): *medicinal* - espécies utilizadas em práticas de cura ou amenização e prevenção de enfermidades; *alimentícia* - espécies utilizadas na alimentação, seja no autoconsumo ou comercialização; *ornamental* - espécies cultivadas com intenção de “embelezar” o jardim; *sombra* - espécies arbóreas utilizadas como abrigo do sol; *crenças* - espécies que possuem poderes místicos (ex. proteção contra inveja, entre outras).

Figura 2: Distribuição das espécies presentes nos quintais agroflorestais de acordo com as categorias de uso, comunidade de Antônio Pinto, Caaporã – PB.



Fonte: Autores (2019).

A categoria de alimentícias reuniu maior número de espécies (72), seguida das Medicinais (38), esta última reúne espécies que apresentaram maior opções de usos e são as mais comuns nos quintais visitados, a exemplo do Cajueiro (*Anacardium occidentale* L.), espécie que é cultivada em três variedades, encontradas nos treze quintais visitados e utilizadas como alimento, remédio e sombra. Para os vários quintais ver a figura 3 adiante. Esta estreita relação com a espécie está relacionada aos aspectos dos saberes tradicionais repassados entre gerações.

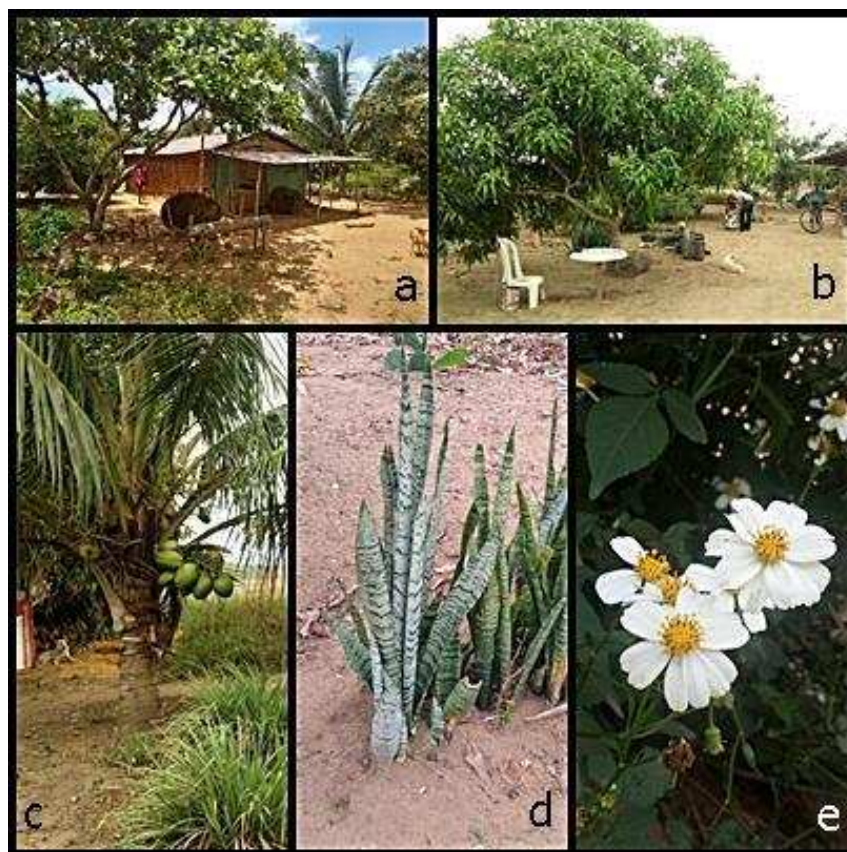
Figura 3: Visão geral dos quintais e representação de espécies em suas respectivas categorias, na comunidade de Antônio Pinto, Caaporã-PB.



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



a) Alimentícia, sombra e medicinal, *Anacardium occidentale* L.- caju; b) alimentícia e sombra: *Mangifera indica* L. – manga; c) alimentícia: *Cocos nucifera* L – coco anã; d) ornamental e crenças: *Sansevieria* sp.- espada de São Jorge; e) medicinal: *Chamomilla recutita* L - camomila. Fonte: Autores (2019).

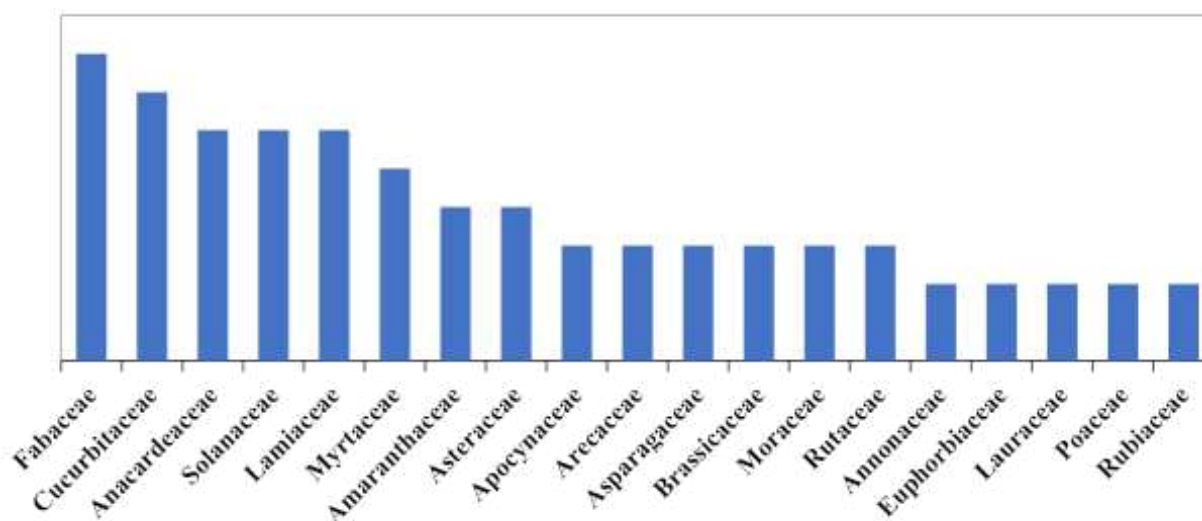
Para Silva (2019) os quintais produtivos podem ser estruturados e constituídos de acordo com as necessidades da família. Diferentes autores encontraram expressiva biodiversidades de espécies alimentícias e medicinais em estudos realizados em quintais agroflorestais e descrevem como estes tem contribuído para a segurança alimentar dos agricultores, bem como da população em geral (GAZEL-FILHO, 2008; SANTOS et al., 2013; MAIA et al., 2018; CAMARGO et al., 2017).

Entre as famílias botânicas com maior número de espécies encontradas (Figura 4), destacam-se a Fabaceae (8), seguida da Cucurbitaceae (7), Anacardeaceae (6), Solanaceae (6) e



Lamiaceae (6), os representantes destas, em sua maioria, apresentam diferentes formas de usos, ciclos de desenvolvimento, de cultivo e de manejo.

Figura 4: Número de espécies distribuídas por famílias botânicas presentes nos quintais da comunidade de Antônio Pinto, Caaporã, Paraíba.



Fonte: Autores, 2019.

Quadro1 – Listagem da agrobiodiversidade pelas categorias de uso, alimentícia, medicinal, ornamental, sombra, crenças

Construir o quadro

Das 116 espécies vegetais encontradas, 104 foram organizadas de acordo com sua classificação botânica, e apresentaram-se distribuídas em 46 famílias (Quadro 1 a seguir), destas, não foi possível a identificação de sete.



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



Entre as famílias botânicas com maior número de espécies encontradas (Figura 4), destacam-se a Fabaceae (8), seguida da Cucurbitaceae (7), Anacardeaceae (6), Solanaceae (6) e Lamiaceae (6), os representantes destas, em sua maioria, apresentam diferentes formas de usos, ciclos de desenvolvimento, de cultivo e de manejo. Assim como podemos ver no Quadro 1 a listagem da agrobiodiversidade pelas categorias de uso, alimentícia, medicinal, ornamental, sombra, crenças

Quadro 1: Descrição da Agrobiodiversidade e seus usos dos quintais agroflorestais da comunidade de Antônio Pinto, município de Caaporã, Paraíba, Brasil.

FAMÍLIA / ESPÉCIE	NOME POPULAR	USOS
Acanthaceae		
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Xambá	Medicinal
Adoxaceae		
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl	Sabugueiro	Medicinal
Amaranthaceae		
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L). Spach	Mastruz/mentruz	Medicinal
<i>Beta vulgaris</i> L	Beterraba	Medicinal, Alimentícia
<i>Alternanthera dentata</i> Suess.	Meracilina/dipirona	Medicinal
<i>Amaranthus viridis</i> L.	Bredo	Alimentícia
Amaryllidaceae		
<i>Allium schoenoprasum</i> L.	Cebolinha	Alimentícia
Anacardeaceae		
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi.	Aroeira	Medicinal, Sombra, Ornamental
<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá	Alimentícia, Sombra
<i>Spondias</i> sp.	Umbúcajá	Alimentícia
<i>Spondias purpurea</i> L.	Ciringuela	Alimentícia, Ornamental
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajú	Alimentícia, Medicinal, Sombra



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	Alimentícia, Sombra
Annonaceae		
<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	Alimentícia, Medicinal
<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha	Alimentícia
Apiaceae		
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	Alimentícia
Apocynaceae		
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Boa noite	Ornamental, Medicinal
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes.	Mangaba	Alimentícia
<i>Plumeria rubra</i> L.	Jasmim	Ornamental
Araceae		
<i>Philodendron</i> sp.	Imbé	Ornamental
Arecaceae		
<i>Cocos nucifera</i> L.	Côco	Alimentícia, Medicinal
<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Dendê	Alimentícia, Sombra
<i>Bactris gasipaes</i> Kunth.	Pupunha	Alimentícia, Ornamental
Asteraceae		
<i>Vernonia condensata</i> Baker	Alumã/alcachofra	Medicinal, Ornamental
<i>Acanthospermum hispidum</i> Dc.	Espinho de cigano	Medicinal
<i>Chamomilla recutita</i> L.	Camomila	Medicinal
<i>Lactuca sativa</i> (L.) Dc	Alface	Alimentícia
<i>Leucanthemum</i> sp.	Margarida	Ornamental
<i>Leucanthemum</i> sp.	Flor de mel	Ornamental, Sombra
Asparagaceae		
<i>Sansevieria</i> sp.	Espada de São Jorge	Ornamental, Crença
Bixaceae		
<i>Bixa orellana</i> L.	Açafrão	Alimentícia, Sombra



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



Brassicaceae

<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	Medicinal, Alimentícia
<i>Brassica</i> sp.	Repolho	Alimentícia
<i>Raphanus raphanistrum</i> L.	Rabanete	Alimentícia

Bromeliaceae

<i>Ananas comosus</i> L.	Abacaxi	Alimentícia, Medicinal
--------------------------	---------	------------------------

Caricaceae

<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	Alimentícia
-------------------------	-------	-------------

Costaceae

<i>Costus spicatus</i> Jacq.	Cana de macaco	Medicinal
------------------------------	----------------	-----------

Convolvulaceae

<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam	Batata doce	Alimentícia
---------------------------------	-------------	-------------

Cucurbitaceae

<i>Cucurbita moschata</i> D.	Jerimum	Alimentícia
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	Medicinal, Alimentícia
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão de São Caetano	Medicinal
<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.)	Melancia	Alimentícia
<i>Cucurbita</i> sp.	Cabaça	Ornamental
<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe	Alimentícia
<i>Cucumis</i> sp.	Maxixe do Pará	Alimentícia

Cleomaceae

<i>Cleome hassleriana</i> (Chodat)	Mussambê	Medicinal
------------------------------------	----------	-----------

Crassalaceae

<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Saião	Medicinal, Ornamental
--	-------	-----------------------

Dioscoreaceae

<i>Dioscorea</i> sp.	Inhame	Alimentícia
----------------------	--------	-------------

Euphorbiaceae

<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	Alimentícia, Medicinal
---------------------------------	----------	------------------------



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



Jatropha gossypifolia L.

Macaxeira

Alimentícia

Acalypha sp.

Pião roxo

Ornamental, Crença

Rabo de macaco

Ornamental

Fabaceae

Paubrasilia echinata Lan

Pau brasil

Ornamental, Sombra

Vigna Unguiculata (L.) Walp.

Feijão macassar

Alimentícia

Phaseolus vulgaris L.

Feijão de arranco

Alimentícia

Phaseolus sp. L.

Fava

Alimentícia

Gliricidia sepium(Jacq.) Walp.

Gliricidia

Sombra, Ornamental

Leucaena leucocephala Lam.

Leucena

Sombra

Clitoria fairchildiana R. A. Howard

Sombreiro

Sombra, Ornamental

Prosopis juliflora (Sw.) DC.

Algaroba

Sombra

Lauraceae

Persea americana Mill

Abacateiro

Medicinal, Alimentícia, Sombra

Cinnamomum sp.

Canela

Medicinal, Sombra

Lamiaceae

Melissa officinalis L.

Erva cidreira

Medicinal

Ocimum basilicun L.

Manjerição

Medicinal

Plectranthus ornatus Codd.

Boldinho do Chile

Medicinal

Rosmarinus officinalis L.

Alecrim

Medicinal

Mentha sp.

Hortelã da folha miúda

Medicinal

Plectranthus amboinicus (Lour.) Spreng

Hortelã da folha grossa

Medicinal

Liliaceae

Lilium candidum L.

Lírio

Ornamental

Lythraceae

Punica granatum L.

Romã

Medicinal, Ornamental

Malpighiaceae

Malpighia glabra L.

Acerola

Alimentícia, Medicinal



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



Malvaceae

Abelmoschus esculentus L. Quiabo Alimentícia, Medicinal

Meliaceae

Azadirachta indica Juss Nim Sombra, Ornamental

Moraceae

Morus alba L. Amora Medicinal, Alimentícia

Artocarpus heterophyllus Lam. Jaca Alimentícia, Sombra

Ficus auriculata Lour. Figo Alimentícia, Ornamental

Myrtaceae

Psidium guajava L. Goiaba Alimentícia, Medicinal

Psidium sp. Araçá Alimentícia

Eugenia uniflora L. Pitanga Alimentícia

Syzygium jambos (L.) Alston Jambo Alimentícia, Ornamental, Sombra

Eugenia sp. Oliveira/azeitona Alimentícia, Sombra

Musaceae

Musa sapientum L. Banana prata Alimentícia

Nyctaginaceae

Boerhavia diffusa L. Pega pinto Medicinal

Oxalidaceae

Averrhoa carambola L. Carambola Alimentícia

Passifloraceae

Passiflora edulis L. Maracujá Alimentícia, Medicinal

Phyllanthaceae

Phyllanthus niruri L. Quebra pedra Medicinal

Poaceae

Cymbopogon citratus (DC) Stap. Capim santo Medicinal, Alimentícia

Saccharum sp. Cana caiana Alimentícia

Plantaginaceae



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



Scoparia dulcis L.

Vassourinha

Medicinal

Rubiaceae

Genipa americana L.

Jenipapo

Alimentícia, Medicinal

Morinda citrifolia L.

None

Medicinal

Rutaceae

Citrus sinensis L.

Laranjeira

Alimentícia

Citrus limon L.

Limão

Alimentícia, Medicinal

Ruta graveolens L.

Arruda

Medicinal

Sapotaceae

Manilkara zapota L. P.Royen

Sapota

Alimentícia, Sombra

Solanaceae

Solanum lycopersicum L.

Tomate

Alimentícia

Jurubeba

Medicinal

Capsicum sp.

pimentão

Alimentícia

Capsicum sp.

Pimenta

Medicinal, Alimentícia

Solanum aethiopicum L.

Jiló

Alimentícia

Solanum melongena L.

Berinjela

Alimentícia

Urticaceae

Cecropia sp.

Embaúba

Sombra

Xanthorrhoeaceae

Aloe vera L.

Babosa

Medicinal, Ornamental

Zingiberaceae

Alpinia speciosa D. Dietr

Colônia

Medicinal, Ornamental

Louro

Medicinal

Rasteirinha

Medicinal

Friso

Ornamental

Dedinho

Ornamental

Café

Ornamental



Fonte: Autores, 2019.

Estes resultados se aproximam dos encontrados por Pinto, (2012); Vieira *et al.*, (2012); Maia et al., (2018); Santos et al., (2019), nos quais as famílias botânicas sinalizadas na Figura 4, estão entre as mais citadas em estudos sobre quintais agroflorestais, sendo Fabaceae, a família que mais se destaca. Fato esse que pode ser atribuído a sua ocorrência cosmopolita e por apresentar elevado número de espécies nativas com diferentes hábitos.

A diversidade de espécies de diferentes hábitos, implica na constituição de múltiplos nichos ecológicos que podem atrair diferentes espécies de animais silvestres além de espécies vegetais espontâneas. Pereira e Neto (2015) analisaram a diversidade de espécies florestais em quintais agroflorestais, apontando a importância para a conservação da vegetação.

Vale ressaltar que a diversidade de famílias e espécies vegetais cultivadas nos quintais em uma área antes destinada ao monocultivo da cana de açúcar, evidenciam a contribuição dos camponeses/camponesas como posseiros e assentados da reforma agrária, com a restauração de áreas degradadas, conservação de espécies vegetais e equilíbrio dos ecossistemas, bem como com a segurança e soberania alimentar da população. Esse papel chave dos camponeses e camponesas e da reforma agrária é ressaltado por Pereira (2007) na perspectiva de uma conservação ambiental que parte da agricultura e de quem vive na terra.

O cultivo da maioria das espécies encontradas e uso para diferentes fins relaciona-se com o conhecimento tradicional e a ancestralidade, repassado ao longo das gerações, na qual a importância de uma determinada espécie não se encontra apenas pelo “alimentar ou gerar renda”, e sim pelo significado histórico, alimentar, cultural e afetivo que ela representa para a família e comunidade.

Esse é o caso do pinhão roxo que tem seu uso não apenas como uma planta ornamental, mas como uma planta que protege do mau olhado e inveja, podendo ainda ser utilizado pelas rezadeiras para espantá-los, ou ainda algumas espécies consideradas silvestres, como a Aroeira



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



(*Schinus terebinthifolia*) que é utilizada como remédio para diferentes doenças, bem como é plantada para gerar sombra, fazendo parte da rotina familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados juntamente com a análise das narrativas, nos permitiu perceber que os quintais agroflorestais para o público entrevistado ganham diferentes significados, que vão além da produção diversificada. São espaços de relações multidimensionais, de construção e transmissão de saberes, de promoção do pertencimento, e sobretudo, de cuidado com a vida e com a natureza.

Os quintais são o espaço no qual o Feminino se destaca como parte importante da agrobiodiversidade, as mulheres juntamente com os filhos são os principais responsáveis pela constituição dos quintais agroflorestais, desenhando a agrobiodiversidade ao seu redor, os saberes e recursos a serviço da família, da comunidade e consequentemente da humanidade.

O quintal é também um espaço de construção política, visto que é onde a família se organiza e constrói sua autonomia, um refúgio individual e ao mesmo tempo coletivo de vivências, de continuidade das tradições familiares, de alimentação da cultura (fogueira, partilha de contos e lendas, entre outros), bem como, um espaço de produção diversificada que contribui com a segurança alimentar e com a autonomia alimentar.

Em relação à agrobiodiversidade, o número expressivo encontrado de espécies, e aqui descritas, deixa claro a contribuição dos envolvidos para a conservação da sociobiodiversidade em nível genético, assim como a contribuição em saberes tradicionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Michele Fernanda Marques de; MARÍN, Edna Arévalo, CRUZ, Denise Dias da. Plantas medicinais nos assentamentos rurais em uma área de proteção no litoral do nordeste brasileiro. **Ambiente & Sociedade**, n.1, v. 20, p. 83-104, 2017.



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



CAMARGO, Vanessa Aparecida, NUNES, Tainara de Proença, AMOROZO, Maria Christina de Mello, PIZANO, Marcos Aparecido. Caracterização do cultivo e conservação da agrobiodiversidade em lotes urbanos vagos em duas pequenas cidades no Estado de São Paulo. **Ethnoscientia**, v. 2, n. 1, p. 1-23, 2017.

CARNEIRO, Maria Gerlândia Rabelo; CAMURÇA, Andrea Machado; ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite; SOUSA, Natália Ribeiro de. Quintais Produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável local na perspectiva da agricultura familiar (O caso do Assentamento Alegre, município de Quixeramobim/CE). **Rev. Bras. de Agroecologia**, n. 8, v. 2, p. 100-111, 2013.

Convenção da Diversidade Biológica/Protocolo de Cartagena sobre Biossegurança. Disponível em:

<https://www.cbd.int/cop/cop-presidency/cop-08-presidency-report-pt.pdf>. Acessado em: 19 de dezembro de 2019.

DANTAS, Janilo Italo Melo; TORRES, Alicia Marques. Abordagem etnobotânica de plantas medicinais em uma comunidade rural do sertão alagoano. **Diversitas Journal**, v. 4, n. 1, p. 39-48, 2019.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite.; CAMURÇA, Andrea Machado.; VIANA, Lígia Aalves; ABRANTES, Karla Karolline de Jesus. Mulheres camponesas e quintais: anúncio de esperança e re (existência) para a vida planetária. **Miolo_agroec**, v. 3, p. 312 - 331, 2017.

FERREIRA, Carlos Augusto de Lima. Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação. **Revista Mosaico**, v. 8, n. 2, p. 173-182, 2015.

FUNARI, Juliana Nascimento; PEREIRA, Mônica Cox de Brito. Caminhos das águas no Sertão do Pajeú: Contribuições e lutas das mulheres camponesas na construção de uma convivência transformadora com o semiárido brasileiro. **Revista Pegada**, v.18 n.3. 2017, p. 124- 152.

GAZEL FILHO, Aderaldo Batista. Composição, estrutura e função de quintais agroflorestais no Município de Mazagão, Amapá. 2008. Tese, Belém, Universidade Federal do Amazonas, 2008.

GONÇALVES, Janaína Pinheiro; LUCAS, Flavia Cristina Araújo. Agrobiodiversidade e etnoconhecimento em quintais de Abaetetuba, Pará, Brasil. **R. bras. Bioci.**,v. 15, n.3, p. 119-134. 2017.



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



JORNAL DO COMERCIO. Usinas enfrentam crise abandonando o açúcar para vender terrenos, 2014. Disponível em: <https://jconline.ne10.com.br>. Acesso em 27 setembro de 2019.

MACHADO, Altair Toledo; SANTILLI, Juliana; MAGALHÃES, Rogério. Agrobiodiversidade com enfoque agroecológico: implicações e conceituação jurídica. **Embrapa informações tecnológicas**, Brasília, 2008.

MAIA, Patrícia; MAGALHÃES, Francisco; SEABRA, Diocléia; GOMES, Suzana; MENINEA, Antônio. Caracterização de quintais produtivos: Uso, agrobiodiversidade e divisão do trabalho. In: Seminário Internacional em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. 2018 v. 5. Manaus. Anais... EDUA. Manaus. 2018.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NAIME. Roberto. **Agrobiodiversidade**. 2016 Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br>. Com acesso em 27 de setembro de 2019.

PEREIRA, Mônica Cox de Brito. Desenvolvimento e meio ambiente: o todo é maior que a soma das partes. **Revista plurais**, UEG, v. 1 n. 2, p. 265-272, 2005.

PEREIRA, Mônica Cox de Britto. Revolução Verde. In: Caldart, Roseli Salete; Pereira, Isabel Brasil; Alentejano, Paulo; Frigotto, Gaudêncio (ORGS.). **Dicionário da Educação do Campo**. RJ, SP: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, p. 685-689, 2012.

PEREIRA, Mônica Cox de Britto. Agroecologia: unindo reforma agrária e conservação ambiental. **Rev. Bras. de Agroecologia**, v.2, n.2, p. 1481, 2007

PEREIRA, Paulo Vínicos Miranda; NETO-FIGUEIREDO, Leonardo Francisco. Conservação de espécies florestais: um estudo em quintais agroflorestais no município de Cáceres – MT. **Rev Eletrônica em Gestão, Educação e Tec. Ambiental**, v. 19, n. 3, p. 783-793, 2015.

PINTO, Marina Ferreira Campo. Caminhos da agrobiodiversidade: redes de troca de sementes em sistemas agroecológicos na serra catarinense, Alto Vale do Rio Tijucas, Santa Catarina. 2014. Dissertação, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

SANTILLI, Juliana. **Conhecimentos Tradicionais Associados à Biodiversidade**: elementos para a construção de um regime jurídico sui generis de proteção. In: PLATIAU, Ana F. B; VARELLA, Marcelo Dias (organizadores). **Diversidade Biológica e Conhecimentos Tradicionais**. Belo Horizonte: Editora Del Rey, 2004.



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



SANTILLI, Juliana. A Lei de Sementes Brasileira e os seus impactos sobre a agrobiodiversidade e os sistemas agrícolas locais e tradicionais. **Bol. Mus. Cienc. Hum.**, v. 7, n. 2, p. 457-475, 2012.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2015, 352 p.

SANTOS, Emanuela Gonçalves dos; SANTOS, Suellen Silva dos; GONÇALVES, Vandermond do Nascimento; SOUZA, Bartolomeu Israel de; LUCENA, Reinaldo Farias de Paiva. Utilização de recursos vegetais em áreas de quintais em uma comunidade rural localizada no entorno do Parque Nacional de Sete Cidades, Piauí, Nordeste do Brasil. **Rev. Bras.de G. Amb. e Sustentabilidade**, v. 6, n. 13, p. 365-383, 2019.

SANTOS, Amaury da Silva dos; OLIVEIRA, Lanna C. L. de; CURADO, Fernando F.; AMORIM, Lucas O. de. Caracterização e desenvolvimento de quintais produtivos agroecológicos na comunidade Mem de Sá, Itaporanga d'Ajuda-Sergipe. **Rev. Bras. de Agroecologia**, v. 8, n2, p. 100-111, 2013.

SILVA, Adriella Camila G. Furtado.; ANJOS, Adilson dos; ANJOS, Monica de Caldas Rosa de. Quintais produtivos: para além do acesso à alimentação saudável, um espaço de resgate do ser. Backyards productive: beyond the access to healthy food, one being the rescue space. **Guaju**, v.2, n.1, p. 77-101, 2016.

SILVA, José Luciano Andrade da. Caracterização e estrutura dos quintais agroflorestais em Piranhas Velha no município de São José de Piranhas - PB. Dissertação, Campina Grande, Universidade Federal de Campina Grande, 2017.

SOUZA, Marta Aguiar; BUSTAMANTE, Patrícia Goulart. O aniquilamento da agrobiodiversidade provocada pelo império agroalimentar. **Rev GeoNordeste**, v. 30, n. 2, p. 88-103, 2019.

VIEIRA, Bruna Benazi; MILWARD-DE-AZEVEDO, Michaelle Alvim. A Etnobotânica e o Ecofeminismo em Prol da Conservação Ambiental. **Diversidade e Gestão**, v. 2, n. 2, p.178-188, 2018.

VIEIRA. Tiago Almeida; ROSA, Leonilde dos Santos; SANTOS, Maria Marly Lourdes dos Santos. Agrobiodiversidade de quintais agroflorestais no município de Bonito, Estado do Pará. Agrobiodiversity of homegardens in Bonito, State of Para, Brazil. **Rev. Cienc. Agrar.**, v. 55, n. 3, p. 159-166, 2012.



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



Marilene Vieira Barbosa, Universidade Federal de Pernambuco

Agricultora, mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Pernambuco. Bacharela em Ecologia pela Universidade Federal da Paraíba. Técnica em Agropecuária pelo Instituto Federal da Paraíba.

E-mail: mary-t.a@hotmail.com

Tiago da Silva Pinto, Comissão Pastoral da terra- CPT

Agricultor, Agente da Comissão Pastoral da Terra- CPT, João Pessoa, Paraíba. Formado em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba.

Email: tiagodasilvapinto@outlook

Monica Cox de Britto Pereira, Universidade Federal de Pernambuco

Pós-Doutorado na Universidade de Buenos Aires/ Instituto Gino Germani. Doutora pelo CPDA-UFRJ em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (Ciências Sociais), Mestre pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro - UFRJ, Graduada pela UFRJ. Professora Associada da Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Ciências Geográficas. Integrante GT CLACSO Estudos Críticos do Desenvolvimento Rural. Integrante Coordenação Colegiada GT Construção do Conhecimento Agroecológico ABA Agroecologia. Integrante GT Mulheres ABA Agroecologia. Coordena o NEPPAG - Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia e Geografia. Desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão

Email: monicacoxbp@gmail.com